

CARTA DO EDITOR

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) está finalizando a atualização da base de dados WEBQUALIS, conforme a avaliação do triênio 2010-2012. Quatro comitês de áreas afins ao **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas** já divulgaram suas respectivas listas de periódicos: Antropologia/Arqueologia, Ciências Sociais Aplicadas, História e Letras/Linguística. Nos três primeiros, a revista foi classificada como A2, resultado que a coloca entre as mais bem avaliadas do país. O comitê de Letras/Linguística atribuiu ao Boletim o conceito B5.

Apesar de polêmica e questionável, como já comentei neste espaço em outras ocasiões, a avaliação da CAPES tem impacto direto na credibilidade dos periódicos entre os pesquisadores brasileiros, nas instituições que os publicam e nos programas de pós-graduação. Por isso, merece ser observada com atenção. Em nosso caso, a questão que se impõe é o contraste com a avaliação do triênio anterior (2007-2009), quando o melhor conceito da revista foi B2, atribuído pelos comitês Interdisciplinar e de Ciência Política e Relações Internacionais. Antropologia/Arqueologia e Letras/Linguística, dois dos comitês focais, consideraram a revista como B5. Ciências Sociais Aplicadas e História não a avaliaram.

Entre o triênio anterior e o atual, o Boletim amadureceu sua política editorial, buscou profissionalizar todas as etapas do trabalho e ampliou sua visibilidade por meio da indexação em duas importantes bases, o Directory of Open Access Journals (DOAJ) e a Scientific Electronic Library Online (SciELO), tornando-se atraente para um diversificado conjunto de autores. A nova avaliação da CAPES parece corroborar todo o empenho e a dedicação do corpo editorial e do Conselho Científico, grupo que, unido em torno de um objetivo comum, conseguiu fortalecer o Boletim como espaço adequado para debates científicos (embora permaneça a dúvida sobre a avaliação de Letras/Linguística, de todo descolada dos próprios critérios estabelecidos pelo comitê). Entendemos ser esse o fator primeiro, o ponto inicial do desenvolvimento de uma revista, a finalidade última de sua existência: publicar bons artigos.

O número atual é revelador do movimento em torno da revista. Pode-se dizer que o Museu Goeldi teve um papel fundamental para a institucionalização da etnobiologia e da ecologia humana no Brasil e no mundo, bem como para os estudos relacionados à agricultura tradicional/local e à agrobiodiversidade. Nomes como Darrell Posey, William Balée, Anthony Anderson e Walter Neves, que tiveram destacada atuação no museu durante a década de 1980, remetem a uma geração de pesquisadores que abriu novos campos de trabalho e tornou mais complexa as abordagens sobre as relações entre humanos e o mundo natural, sobretudo quando grupos indígenas e 'comunidades tradicionais' são os objetos de estudo. Em 2008, publicamos um primeiro dossiê sobre o assunto, organizado por Cristina Adams (Universidade de São Paulo – USP) e Rui Sérgio Sereni Murrieta (USP), com o objetivo de reacender esse tipo de debate na nova fase da revista. Quatro anos depois, Pascale de Robert (Muséum National d'Histoire Naturelle, França) e Claudia López Garcés (Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG) conceberam um denso dossiê que certamente será referência para as discussões futuras sobre a agrobiodiversidade amazônica. Ele reúne sete artigos de 19 autores, sediados em instituições do Brasil, da França, da Venezuela e da Colômbia, e se desdobra em textos da seção

Memória, que celebram o legado de Darrell Posey, incluindo sua militância política em defesa dos direitos indígenas – hoje tão desrespeitados pelo governo brasileiro –, e a ‘ressonância’ da ciência antropológica na arte fotográfica de Patrick Pardini (Museu da Universidade Federal do Pará). Por feliz coincidência, o *leitmotiv* das organizadoras do dossiê também extrapola para dois textos publicados na seção de Artigos Científicos, o de Helbert Medeiros Prado (USP) e colaboradores, sobre sustentabilidade e práticas de caça entre os Awá-Guajá, e o de Isabel Maria Madaleno (Instituto de Investigação Científica Tropical, Portugal), sobre a percepção que os ilhéus de Tuvalu têm das mudanças climáticas e as relações que fazem entre sustentabilidade e morte. Os outros três artigos dessa seção abordam questões diferentes, mas igualmente pertinentes ao escopo editorial do Boletim: Líliam Barros (Universidade Federal do Pará) analisa um repertório musical associado à cosmologia Desana; André Strauss (Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, Alemanha) disserta sobre a aplicação de uma teoria da arqueologia processual na interpretação de práticas mortuárias; e Felipe Faria (Universidade Federal de Santa Catarina) estuda a mudança de paradigmas na ciência paleontológica durante o século XIX, reflexão rica que aproxima processos epistemológicos e história de vida.

Encerro esta Carta rendendo homenagens a quatro intelectuais que nos deixaram recentemente: o economista Armando Dias Mendes (1924-2012), notabilizado por suas discussões sobre desenvolvimento sustentável, professor da Universidade Federal do Pará, onde fundou o curso de Economia e, posteriormente, o Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, também com passagens pela política e pela administração pública; Neil Whitehead (1956-2012), da Universidade de Wisconsin, colaborador desta revista, onde publicou um texto (“Commentary on the journal of Lourens Lourenszoon (1618-1625) and his stay among the Arocouros on the Lower Cassiporé River, Amapá (Brazil)”, 2009) e uma resenha (“Arqueologia amazônica”, 2011); Betty Meggers (1921-2012), da Smithsonian Institution, cuja trajetória profissional foi ligada à arqueologia amazônica, com profícua colaboração com o Museu Goeldi nas décadas de 1940-1970 (ver, por exemplo, os textos de Klaus Hilbert aqui publicados, o fundamental “*Cave canem!*: cuidado com os ‘Pronapianos!’ Em busca dos jovens da arqueologia brasileira”, de 2007, e “Uma biografia de Peter Paul Hilbert: a história de quem partiu para ver a Amazônia”, de 2009); e Gilberto Velho (1945-2012), professor do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com destacada atuação nos estudos de antropologia urbana. A eles dedicamos este número.

Boa leitura!

Nelson Sanjad
Editor Científico